2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 42. QUINTA FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XII.

444 Londres 9 de Junho. — A Austria occupa o terceiro logar neste concurso universal; compareceu com uma ostentação de recursos que admirou toda a gente, excepto as pessoas que não decidem pelo boato vulgar, nem julgam as nações por preconceitos da praça publica. A Austria tomou a exposição em séria consideração: appresentou-se armada no estado completo; e diariamente cresce o interesse que excitam seus diversos productos, os quaes patenteam um impulso industrial, digno da attenção dos povos fabris.

Começando pela mais liberal das industrias, a imprensa, apraz-me dizer que foi a typographia imperial de Vienna a que expoz a collecção mais completa de amostras de todos os caracteres conhecidos. Esta collecção, que não comprehende menos de duzentas e seis linguas ou dialectos desde os caracteres phenicios, os mais antigos do mundo, até os japonezes, é a mais bella da Europa.

A Austria entrou hoje n'uma carreira nova; e postoque a estatua do marechal Radetzki, que parece vigiar, apoiando-se na espada, o deposito das riquezas austriacas da exposição, possa reputar-se um emblema pouco conforme ao movimento industrial e das idéas naquelle paiz, não deixa este de merecer egualmente, depois da França e da Inglaterra, a attenção dos homens estudiosos e trabalhadores. É por certo um facto mui notavel essa homenagem prestada ás sciencias e ao pensamento humano pela industria mais capaz de as propagar no mundo. Basta reflectir na immensa quantidade de professores philologos, de compositores, e de operarios habeis que suppoem um tal luxo typographico, para conferir á Austria o logar que lhe compete na grande familia européa.

O estabelecimento imperial de Vienna possue todos os typos dos caracteres impressos nas suas officinas, e expoz até as matrizes que serviram para fundil-os. Tem merecido particular attenção o invento engenhoso pelo qual os oitenta mil signaes da lingua chineza são formados, como a musica, por typos moveis. Na parte technica o artificio com que os austriacos conseguiram calcular o espaço que occupa cada uma letra avulso, permitte saber-se com antecipação qual será a extensão exacta de um manuscripto reduzido a impresso; e a typographia imperial possue já cento e cincoenta milhões de caracteres fundidos na conformidade daquelle systema.

Os orientalistas admiraram muito uma obra impressa pela primeira vez em lingua do Japão com caracteres moveis, e que pela perfeição mostrava mais ser importado daquelle paiz do que reproduzido na Allemanha. A typographia austriaca collocou-se na primeira ordem por essa magnifica ostentação de riqueza; seria necessario um volume para dar um catalogo singelo de tudo o que expoz neste genero, e para o coordenar seriam tambem precisos conhecimentos especiaes da arte, que não tenho.

Sinto que a imprensa nacional de França se limitasse a oppôr áquelle fausto esplendido de producções typographicas um simples volume de specimens ou provas, que sem duvida tem merecimento, mas não representa competentemente a typographia. Por fortuna, M. Plon, M. Dupont e mais alguns tomaram a peito reparar tal ommissão. M. Mame, de Tours, que eu venero profundamente por ser o impressor de França que publica maior numero de volumes, foi muito applaudido a par dos grandes mestres da arte. Ninguem tem posto em pratica, com habilidade como M. Dupont, o processo mediante o qual reproduz, sem desmentir do original, uma folha perdida desta ou daquella obra antiga e a restitue á obra incompleta. M. Silberman, de Strasburgo, não excitou menor admiração com a sua impressão em vidro em dezoito côres n'uma altura de 102 centimetros por 37 de largura. O processo inteiramente novo que descobriu e que lhe permittiu desempenhar esta difficuldade, abaixo dos preços da lithochromia ordinaria, é uma verdadeira conquista para as artes; e tivemos a fortuna de a contrapor, com toda a exposição de M. Silberman, á magnificencia typographica da Austria.

Tambem a Austria desenvolveu muito luxo nas suas producções typographicas: os seus mappas já muito appreciados mantiveram na exposição o logar distincto que merecem. Sahindo do dominio scientifico e entrando no das artes industriaes, continuamos a encon-

trar o mesmo paiz em progresso sensivel e successivo. Elabora o ferro habilmente nas suas forjas da Styria, cujas obras são excellentes: quasi tem supplantado as fabricas de Nimes na exportação dos chales ordinarios; prepara com grande superioridade os pannos tambem ordinarios; e apesar da justa censura que se lhe póde fazer em assumpto de gosto, os seus moveis produziram certa influencia na exposição por causa da robustez do trabalho. Um paiz que fabrica oito milhões de fouces e podões só para exportação, está evidentemente organisado para a industria em ponto grande.

Sobretudo nos cristaes de Bohemia se encontra uma das incontestaveis superioridades da fabricação austriaca. Cabe neste logar dizer duas palavras ácerca da industria do vidro, tal qual se examina na exposição. Tres potencias tinham direito de figurar nella com os seus caracteres distinctivos: a França, a Inglaterra, a Austria. A França absteve-se; as nossas boas fabricas de St. Louis e de Baccarat, dirigidas por protecionistas, nada mandaram, e podiam ter enviado obras primas que perfeitamente conhecemos, porque ha uma collecção dellas magnifica em o conservatorio das artes e officios de Paris, que por si só bastaria para affrontar todas as collecções rivaes. Os fabricantes francezes que deixaram de concorrer neste ramo, brilhariam aqui senão pela barateza e pela côr dos productos, ao menos pela fórma, e seriam reputados dignos de occupar uma situação media entre a Inglaterra e a Austria: a primeira parece ter levado a palma nos vidros brancos, e a Austria pelas côres. A fonte colossal dos inglezes, d'altura de quasi 45 palmos, cujas aguas derramam no centro do palacio de cristal uma frescura agora deliciosa, é um specimen glorioso que os artistas francezes ainda não egualaram, mas os grandes vasos vermelhos da Bohemia só tem sobre os destes a vantagem do preço baixo.

Chegam-me as lagrimas aos olhos divisando sob a bandeira austriaca os productos de uma grande parte da Italia, as sedas de Milão, de Verona, as formosas vidraças de Bertini, tudo quanto ainda resta de artistico e de engraçado a esses desventurados italianos. Tambem foi alli que a discordia abysmou a industria n'um pégo de males.

A Austria expoz bellas amostras dos seus productos mineralogicos. Faz, porém, triste figura com os seus estofos de algodão que lhe seria melhor abandonar. É uma especie de enfermidade que acommette hoje as nações grandes, quererem possuir a todo o custo por um trabalho forçado o que obteriam barato a troco dos productos do trabalho, que lhes é natural. As chitas d'Austria são feias, e mal preparadas apesar do luxo dos productos chimicos que figuram em seu nome na Exposição.

Em summa, a Austria occupa, como já dissemos, um logar muito distincto na Exposição universal. Ha na reunião quasi encyclopedica de seus productos o quer que é que manifesta a diversidade de raças do imperio: os bohemios, os hungaros, os italianos, os allemães genuinos, que concorreram a formar o aggregado da industria austriaca, conservaram sem duvida a sua physionomia particular, porém nada perderam em se terem associado.

A *Illustração* ingleza, fallando da ousada e perfeitissima imitação da natureza, nas suas producções mais mimosas, rara industria em que se tem abalisado o nosso compatriota o Sr. Constantino, por occasião de appresentar um desenho da exposição deste *rei dos floristas*, que simelha uma estufa de plantas, porém artificiaes, diz: —

« Antes de Constantino, a arte de florista era uma convenção; porém, elle fel-a uma creação. Dá ás suas flores não só o vulto, como tambem uma phisionomia. Antes delle todas as rosas eram eguaes, sempre no mesmo ponto, sempre falsas; nunca, talvez, o florista pensou em copiar a natureza, e certas flores nunca as imitou. — Constantino pensou que a naturesa era dominio do homem; e tem reproduzido quanto era susceptivel de trasladar-se; quanto mais difficil é a illusão, tanto mais estimula o seu talento excepcional. A planta rara, a herva das campinas, a flor dos jardins, todas figuram no seu herbario immortal. — Poderá chegar-se ao mesmo auge de perfeição; nunca passar ávante. Já mais se fará coisa mais similhante do que o seu girasol, o lyrio rosa, a magnolia, e (verdadeira obra prima) a solomea com sementes, erva dos caminhos, com que os rapazes se divertem, semeando-a ao vento, e da qual um raminho está pegado á vidraça da estufa. — Para que fallar da elegancia de suas armações, á vista dos prodigios de um talento por tal modo creador? Parar silenciosamente defronte da sua obra magnifica, é a homenagem que se tributa á arte.

TELEGRAPHIA SUB-MARINA.

445 É notorio, que ha perto de um anno, teve começo a empreza assombrosa de um telegrapho submarino entre a França e a Inglaterra, que por um incidente se interrompeu por algum tempo. Renovaram-se as diligencias para o estabelecimento desta linha, e com bons fundamentos se crê que poderão abrir-se as communicações antes do outono do presente anno; e já prestaria serviço, segundo a exposição de Mr. Cubitte, se a corda de guttapercha, collocada com feliz exito no anno preterito, não fosse cortada por um pescador, ignaro do mal que fazia. Mas agora vão lançar-se dois tubos permanentes contendo cada um quatro cordas separadas, do custo de quarenta mil libras. Facultando o governo inglez uma carta de privilegios e o governo francez uma concessão por espaço de dez annos, auxiliaram quanto estava ao seu alcance os promotores da empreza. Se alguma censura cabe a esses governos, será por não terem encurtado todas as delongas desde que foi constante que a telegraphia electrica podia estabelecer-se, facilmente e com pouca despeza comparativa, entre a Inglaterra e o continente. Actualmente não ha que temporisar, nem dilações; dentro em poucos mezes o telegrapho electrico será um facto completo, e Londres, pelo que respeita á communicação de participações, ficará a meia hora de París.

INDUSTRIA.

(Continuado de pag. 484)

446 A experiencia mostra que as nações que se limitam a poucas species de trabalho e de producção, inda quando são favorecidas pela fertilidade e riqueza de seu territorio, permanecem sempre pobres, stacionarias e privadas de grande numero dos gozos e confortos da civilisação moderna. As causas disso parecem muitas, e sem pretendermos apontal-as todas, fallaremos daquellas que nos occorrerem.

Poucos generos de producção, inda suppondo que ella seja consideravel, além de não occuparem senão um numero limitado de braços, não offerecem emprego senão a intelligencias e aptidões laboriosas de poucas e determinadas species, e assim deixam ociosos e sem trabalho, além de outros, os individuos que não possuem as faculdades necessarias para taes trabalhos, ou que para elles sentem uma invencivel repugnancia. Daqui vem o grande numero de vadios, de miseraveis proletarios, que abundam em alguns paizes, aliás pouco povoados, e daqui resultam tambem as emigrações de gente de taes paizes, que em vão se pretendem atalhar directamente por meios coercivos e penaes, como outrora se pretendeu obstar á sahida da moeda metalica por inuteis e absurdas disposições legaes. As enormes emigrações dos povos barbaros, que inundaram a Europa nos primeiros seculos do christianismo, foram sem duvida motivadas por causas similhantes. Os homens não se expatriam, não se desterram voluntariamonte, senão quando na patria lhes faltam os meios de ganhar a sua subsistencia; e daqui resulta que o remedio efficaz contra as emigrações consiste em lhes procurar esses meios, e não em forçal-os a morrerem de fome e de miseria dentro da patria.

As industrias reagem umas sobre as outras, influem-se reciprocamente, e tem entre si uma correlação tal de mutua dependencia, que a existencia e prosperidade de uma, vem a produzir naturalmente a existencia e prosperidade de outras. Assim, por exemplo, o estabelecimento de uma grande fabrica em qualquer logar, fomenta logo em torno della a agricultura, dá origem ás officinas diversas, que exige a confecção e o continuo reparo dos utensilios necessarios á fabrica, augmenta a população e o valor das propriedades, offerecendo áquella, novos meios de ganhar pelo trabalho uma subsistencia segura, e abrindo a estas um mercado mais amplo, mais proximo, e mais vantajoso para a venda de seus productos.

A população simplesmente agricultora é necessariamente diminuta, porque poucos homens bastam para a producção de fructos sufficientes para o sustento de muitos. Em Inglaterra propriamente dita aquella população é de 2:975.000, em 14:118.986 habitantes, ou proximamente $\frac{1}{5}$ da população total (4). Ora inda que em Inglaterra se consommem alguns cereaes estrangeiros, estes apenas fornecem o sustento de poucos dias á população total; além de que as importações de cereaes, são por ventura mais que compensadas pelas exportações de queijos, manteigas e outros productos da industria agricola. Póde pois dizer-se, que em Inglaterra, um agricultor basta para produzir o sustento de cinco individuos. Mas é tambem evidente que esses cinco individuos, ou não existiriam, ou seriam miseros e lastimosos vadios, se lhes faltassem outros meios de poderem empregar as suas faculdades laboriosas, e de permutar o seu trabalho pelo do agricultor, e dos productores, na forma de objectos ou de serviços necessarios á satisfação de suas precisões vitaes e sociaes.

A Inglaterra é sem contradicção o paiz que tem o maior commercio externo, e em cuja riquesa elle entra em proporção maior que na de outro qualquer paiz. Apesar disso o valor deste commercio computado em francos é de..... 1140 milhões
entretanto que o de commercio interior de consummo é de..... 8201 »
ou mais de oito vezes superior ao do commercio exterior de exportação (5). Daqui se vê que nos elementos da prosperidade, ou da riquesa circulante da Inglaterra, o commercio exterior de exportação entra como 1, e o commercio interior do consummo como 8.

Este enorme giro do commercio externo da Inglaterra é sem duvida devido á multiplice variedade dos productos da industria geral, que promove e facilita as permutações do trabalho, na fórma daquelles productos; parecendo evidente que quanto maior fôr a diversidade e o numero delles, tanto maior será tambem o numero das combinações de suas reciprocas permutações, e o valor consequente do commercio interno.

O que temos dito nos parece sufficiente para mostrar a grande importancia de promover em Portugal muitos e variados ramos de industria e de producção. O nosso solo é sem duvida fertilissimo, os seus productos são preciosos, e a natureza como que indica que a agricultura deve ser o primeiro e principal elemento da nossa riqueza. Temos tambem uma costa extensa, excellentes portos e rios, susceptiveis de grandes melhoramentos, e uma numerosa população maritima, porque Portugal, a bem dizer, é uma faxa littoral. Indica por tanto tambem a natureza, que devemos ser uma nação maritima e commercial. Possuimos bastantes minas, e não devemos seguramente desprezar esta fonte de prosperidade. Mas a agricultura, a navegação, o commercio, a mineração não devem tolher-nos de cultivar os outros e variados ramos de industria, que são indispensaveis para prefazer os elementos de que se compõe a prosperidade complexa das nações modernas.

A industria fabril é uma das que entre nós se acham no mais deploravel atrazo, e que releva fomentar.

Em quanto possuimos o Brasil como colonia, o commercio exclusivo que com elle faziamos, servia de fomento á nossa industria; porém ainda que a sustentava, o monopolio que a defendia, a privava ao mesmo tempo do efficaz estimulo da concorrencia, e a mantinha em um estado permanente de perniciosa immobilidade (6). Logo, porém, que os portos do

(4) *Statistique génerale*, pag. 76 Paris, 1838.

(5) *Statistique generale*, pag. 75.

(6) Nem sempre o monopolio produz este funesto effeito, e como exemplo, citaremos o tabaco, cujo fabrico em Portugal se tem aperfeiçoado não obstante o regime do estanque

Brasil se abriram ao commercio estrangeiro, e mais ainda, depois que aquelle paiz se separou da mãe patria, perdeu a nossa industria fabril (e a nossa industria rural) um dos apoios que a sustentavam. Esta perda porém não foi instantanea, total, e absoluta; porque os antigos habitos, arraigados na população do novo imperio, ainda por algum tempo favoreceram o consumo dos nossos productos nacionaes, e retardaram o complemento final dos effeitos da concorrencia estrangeira. Hoje póde julgar-se terminada a transição, e Portugal carece de adoptar outros meios de favorecer as suas manufacturas, de uma maneira mais permanente e judiciosa. « No systema economico dos povos modernos, diz um auctor de economia politica, não póde haver povo rico e poderoso sem possuir numerosas manufacturas (7). » O homem observador tem diante dos olhos muitas e evidentes provas da verdade desta sentença. Cumpre pois fomentar as manufacturas em Portugal; mas como?

A experiencia alheia póde invocar-se com proveito para a resolução deste problema.

Como creou a Inglaterra a sua magnifica industria, senão com leis prohibitivas, com direitos protectores na importação, com bonificações ou *drawbacks* na exportação?

Quem deu o grande impulso á industria fabril do continente, paralysada pela preeminencia fabril da Inglaterra, e a levou ao rapido movimento de progresso em que se acha, senão o famoso bloqueio continental de Napoleão?

Não foi este extenso systema prohibitivo que deu tambem origem a uma nova producção, que naquelle tempo servia de texto aos epigrammas e ás jocosas caricaturas, com que os inglezes procuravam aturdir-se e disfarçar os funestos effeitos da maior de todas as hostilidades, que a colera inspirára ao seu grande adversario? E quem diria então que a humilde beterraba, lançada com desprezo e com a phrase sarcastica « *va te faire sucre!* » viria a ser um dia novo manancial de riquezas, a dar valor a terras incultas e estereis, a crear emfim novos ramos de industria rural e fabril, que hoje empregam utilmente tantos braços, tanto cabedal, e fornecem meios de subsistencia e de fortuna a tanta gente? Napoleão por certo que não previa distinctamente este resultado: mas o instincto prophetico do grande homem, a inspiração espontanea e irreflectida do genio superior, o impelliram involuntariamente a proteger uma industria, cujo brilhante porvir apenas poderia presentir annuviado e confuso (8).

Muitos outros exemplos poderiam citar-se de resultados similhantes, porém estes nos parecem sufficientes, e só accrescentaremos que a Inglaterra, que hoje préga aos outros com tão edificante zelo, o systema da liberdade absoluta do commercio, ainda para si o não adoptou, não obstante achar-se, pela prodigiosa accumulação de seus capitaes, pela sua preeminencia fabril, e por todas as outras vantagens que constituem a sua immensa superioridade industrial e mercantil, em estado de poder arrostar impunemente com a competencia livre dos estrangeiros no seu mercado interior.

Se os exemplos provam que a industria fabril se cria por taes meios, o raciocinio mostra que só por elles se póde crear. Com effeito o estabelecimento de uma nova fabrica exige o emprego de grandes capitaes, um longo tyrocinio dos operarios, em summa grandes despezas, cujo proveito sómente deve realisar-se em um futuro remoto. É pois evidente que nenhum capitalista empregará o seu cabedal em taes emprezas, sem ter a certeza prévia de poder contar com esse proveito. Ora sendo necessariamente os primeiros productos de uma nova manufactura imperfeitos e caros, é evidente que não poderão elles sustentar a concorrencia livre com outros da mesma especie, provenientes de fabricas já chegadas ao termo de sua perfeição. Com a liberdade absoluta de commercio é pois manifestamente impossivel o estabelecimento de novas manufacturas, sob pena da ruina infallivel do imprudente capitalista que se lançar em similhantes emprezas.

Não ignoro os argumentos dos economistas, que reprovam as medidas prohibitivas, e os direitos protectores. Dizem elles:

1.° Que as prohibições equivalem a um monopolio, estabelecido a favor do fabricante, contra o consumidor; e os direitos protectores, a um tributo lançado sobre a nação toda, em proveito de poucos individuos;

2.° Que não se podendo comprar os productos do trabalho estrangeiro sem pagar o preço delles, nem tão pouco effeituar esse pagamento por muito tempo senão com os productos do trabalho nacional, as importações são, em derradeira analyse, a troca do trabalho nacional pelo trabalho estrangeiro; troca egualmente vantajosa aos dois contrahentes, ao consumidor, e ás industrias dos paizes respectivos;

3.° Que o interesse individual é o melhor guia na escolha do trabalho mais proveitoso, e que a liberdade basta para que os capitaes corram infallivelmente para as emprezas mais lucrativas e favoraveis ao augmento da riqueza geral;

4.° Que o interesse do consumidor, pela sua maior generalidade, deve sempre ser preferido ao interesse mais restricto do productor;

5.° Finalmente que assim como um chefe de familia avisado, não faz em sua casa aquillo que lhe sairia mais caro de fazer que de comprar, não póde ser insania no governo de uma nação, o que é prudencia no de uma familia.

Estes argumentos com quanto sejam especiosos, não resistem a uma analyse sisuda.

(7) GANILH, *Dictionnaire analytique d'Economie politique* art. *Manufactures*.

(8) A cultura da beterraba cobre em França um espaço de territorio de 72.000 hectares. O numero das fabricas de assucar era de 581, em 1837, e esta industria empregava um capital de 60 milhões de francos, e 150.000 obreiros. Em 1836 produziram as fabricas 49 milhões de kilogrammos de assucar, e no anno corrente de 1838 espera-se que o producto suba a 55 milhões de kil., que é mais de metade do consumo total da França, computado em 72 milhões de kil. O producto medio das terras entre Lille e Valenciennes, é de 35 mil kil. por hectar. A mesma industria se vae propagando rapidamente em toda a Alemanha, e no norte da Europa. Em Bohemia, cuja população é de 3:300.000 habitantes, o numero das fabricas de assucar de beterraba é já de 95. Veja-se *Journal des Travaux de la société française de statistique universelle*, n.° 8, février 1838, pag. 480, e *Journal des Débats* de 14 de Outubro do mesmo anno.

Concedemos o primeiro; mas ajuntaremos, que o monopolio, ou o tributo protector de que se trata, são unicamente males temporarios de pouca dura, para obter bens permanentes. Digo temporarios, porque não devem durar mais que o tempo rigorosamente necessario para levar a industria favorecida ao ponto de poder concorrer com a estrangeira da mesma especie, de produsir pelo menos com egual perfeição e baratesa, ou de offerecer o desengano de que ella não se arraiga no paiz, nem poderá nelle chegar nunca ao termo indicado.

A harmonia que preside ás differentes leis da natureza apresenta a cada passo relações de comparação e similhança, entre coisas aliás entre si mui disparatadas. Taes são as que nos parece existir entre uma fabrica em seu principio e seu desenvolvimento, e uma creança. Esta quando nasce, carece de carinhoso amparo, do tratamento mais desvelado, para poder vencer os perigos que ameaçam a sua debil e mal segura existencia. Pouco a pouco suas forças vão crescendo, mas seus primeiros passos carecem ainda de apoio alheio. Logo seu corpo se equilibra, e sua marcha deixa de ser vacillante, nem já precisa mais de estranho arrimo. Finalmente chega a edade da emancipação, e o homem é então de todo abandonado ás suas proprias forças, e ao cuidado e direcção de si mesmo.

Assim acontece á fabrica. Se em seus principios lhe falta uma protecção desvelada e efficaz, a fabrica perece. Logo que ella póde marchar livre e desempeçadamente, já não carece do mesmo apoio. Finalmente não carece ella de nenhum quando chega ao termo de sua maioria, que é aquelle estado de adiantamento e de força, no qual a concorrencia estrangeira, longe de lhe ser prejudicial, provocará pelo contrario uma proveitosa rivalidade, servindo de incitamento a melhoramentos e aperfeiçoamentos progressivos.

Devem pois ser as prohibições, e os direitos protectores, de duração temporaria, e pouco a pouco modificados, de modo que a prohibição passe para direito protector, e este vá successivamente diminuindo, na rasão do progresso da manufactura protegida, até ser a final de todo abolido.

Confessamos que é um mal, mas um mal sómente passageiro, e por meio do qual se obtem um bem permanente. O não obter este bem, é em nossa opinião, um mal infinitamente maior, e a escolha entre os dous não nos parece admittir duvida.

(Continúa.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXVIII.

Busca inutil.

447 Esperar é doloroso, sobre tudo quando se espera por quem se ama; ou quando ao longo e desconsolador esperar, vem juntar-se os soffrimentos do ciume, e os receios de uma desgraça que se adivinha, que se presente, sem que seja possivel dizer qual ella será. Esses receios indefinidos, mas nem por isso menos assustadores, que pezam sobre o espirito nas horas da solidão, esses receios que tantas vezes são os percursores da desventura, tornam amargosos até os instantes em que, se elles não existissem, a felicidade devêra ser completa, quanto mais essas horas em que a alma, já disposta para a melancholia, parece quasi ter desejo de alimentar as proprias magoas, e de se identificar com ellas. Nessas horas, a phantasia apraz-se em crear imagens pavorosas, em cobrir de luctuosos crepes as esperanças que ousam despontar na imaginação, em representar palido e sinistro o futuro á rasão assustada: tudo é desconsolo e abatimento, e a alma deseja, como um alivio, anniquilar-se, apagar-se por uma vez nos incomprehensiveis e incommensuraveis abysmos do nada.

Francisco de Albuquerque esperava por Margarida, que o deixára, para ir ter com o seu real amante; e no seu coração, ralado pelo ciume, pesavam os mais sinistros presentimentos. As horas pareciam-lhe sem fim; a vida sem esperanças; o mundo um dezerto, longe daquella a quem amava de immenso amor.

A voz da Calcanhares, chegando aos ouvidos do moço namorado, foi como o raio de sol que dissipa as nuvens carregadas da tempestade, fez esvaecer em suave arrobamento de ternura, as imagens assustadoras que lhe haviam assaltado o espirito. Cairam nos braços um do outro, os dois amantes, como se houveram estado separados, não horas, senão annos inteiros. Protestos de amor, rizos de alegria, lagrimas, suspiros, queixas de ciume, que uma palavra de Margarida bastava a fazer callar, tudo se confundia na torrente de frazes entrecortadas, que a paixão arrancava em tumulto do seio dos dois amantes. Serenados os primeiros impetos da paixão, seguiram-se as interrogações. A Calcanhares contou então miudamente ao capitão, quanto lhe havia acontecido, depois que delle se separára. Este, mal soube do risco que corria Luiz de Mendonça, quiz logo partir para o Corte-Real, para lhe dar aviso; e foram mister os conselhos poderosos e a influencia de Margarida, para impedir que elle commettesse tão louca imprudencia.

Esperou que se fizesse noite, e então disfar-

çado em trages de homem do povo, Francisco de Albuquerque saiu, com a saudade a pungir-lhe no coração, e as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos, da casa onde passára os dias mais venturosos da sua vida. Saiu para não voltar mais.

No Corte-Real havia grande agitação, porque todos estavam occupados nos preparativos da partida para Salvaterra; e por isso Francisco de Albuquerque pôde penetrar no interior do palacio, sem que ninguem attentasse nelle. Atravessou á pressa as salas escuras, os corredores mal alumiados, e chegou finalmente á porta do quarto de Luiz de Mendonça.

Bateu, e ninguem lhe respondeu: tornou a bater por duas ou tres vezes, sem que no interior do quarto se ouvisse o minimo rumor. Impaciente mas não inquieto, porque era natural que o moço fidalgo, áquella hora, estivesse n'outra parte do palacio, Francisco de Albuquerque, receoso de que o conhecessem, resolvou esperar alli, que o seu amigo se recolhesse. Passaram duas horas: os rumores dos passos e das vozes dos criados de Sua Alteza, foram-se desvanecendo pouco a pouco, e a luz baça da lampada, que pendia do tecto, no corredor em que estava o nosso capitão, foi tambem pouco a pouco amortecendo. Já de espaço a espaço, da lampada, se levantava uma chamma rapida, aguda, avermelhada, acompanhada de um estalido seco e irregular, indicio certo de que estava proximo o instante da luz se apagar de todo, e ao clarão dessa chamma as paredes pareciam agitar-se, e sombras informes cruzarem-se em todos os sentidos, como percursores fantasticos de alguma apparição sobre-natural, quando Francisco de Albuquerque ouviu aproximarem-se lentamente os passos de um homem, e uma voz murmurar, entre dentes, uma dessas cantigas melancholicas e sem rithmo, que são a mais admiravel expressão muzica da tristeza indolente do nosso povo.

Reconhecendo a voz de Diogo Cutilada, o capitão resolveu dar-se-lhe a conhecer, para saber delle novas certas de Luiz de Mendonça. Quando o velho soldado passou por elle, poz-lhe a mão no hombro, dizendo-lhe com voz imperiosa:

— Cala-te: e responde-me.

Diogo deu um pulo de susto, depois estacou, abriu os olhos desmesuradamente, escancarou a bôca, e ficou immovel como se subitamente se houvesse petrificado.

— Onde está o sr. Luiz de Mendonça?

O soldado não disse palavra.

— Responde-me; onde está o sr. Luiz de Mendonça?

Egual silencio foi a resposta a esta segunda pergunta. Porém, no momento em que Francisco d'Albuquerque ia repetir pela terceira vez a mesma frase, e descarregava nas costas do sebastianista uma vigorosa punhada para o fazer tornar a si, a lampada illuminou com um clarão brilhante todo o corredor, e Diogo, movido pela comoção da pancada que recebêra, e pelo aspecto iracundo de seu amo que elle julgava ser uma alma do outro mundo, começou a gritar como um possesso, e a correr pelo Côrte-Real, bradando:

— Accudam, accudam, que andam coisas más no palacio. Abrenuncio! Jesus! Misericordia! A alma de meu amo anda a penar!

Os criados do Infante sobresaltados com os gritos de Diogo Cutilada, começaram a sair-lhe ao encontro e a correr por todas as casas: em poucos instantes reinava a maior confusão em todo o Côrte-Real. Receoso de que o conhecessem, o que podia comprometter a sua segurança, e sobre tudo affastal-o talvez da Calcanhares para sempre, Francisco d'Albuquerque atravessou correndo as casas que o separavam da galeria das armas, e, abrindo uma das janellas que deitavam para a praia, saltou della abaixo, deixando todos no Côrte-Real persuadidos de que uma alma do outro mundo havia naquella noite vagado pelos corredores do palacio.

O capitão, quando se viu fóra do Côrte-Real, poz-se a cogitar no que devia fazer para salvar a vida do seu amigo e a do conde da Ericeira; e, lembrando-se das relações que havia entre os jesuitas e Sua Alteza, resolveu ir ao collegio da Cotovia, contar ao padre Manuel Fernandez, que elle sabia fôra nomeado confessor do Infante, o que Margarida lhe dissera das sinistras intenções d'El-rei.

O padre estava já recolhido; porém, como Francisco d'Albuquerque insistiu em pedir que lh'o fossem chamar, não tardou muito que elle não viesse saber o que lhe queria áquellas horas um homem, que pelos trajos, lhe haviam dito ser vilão.

O padre Manuel Fernandez era o typo do jesuita. Alto, magro, e macilento, os seus olhos nunca se fixavam na pessoa com quem fallava, a cabeça tinha-a constantemente inclinada com

humildade, na testa liza, e pulida não se lhe via uma só ruga que podesse denunciar os pensamentos que trazia escondidos na alma. Era o typo do jesuita.: *Pessima vulpes, occultus detractor, sed non minus nequam adulator blandus.*

— Deus o guarde — disse elle quando entrou na caza onde o estava esperando Francisco d'Albuquerque. — Que me quer?

— Tenho que dizer a V. P. um segredo que muito interessa o bem da caza do Sr. Infante.

— Tudo que interessa a Sua Alteza interessa a todos os amigos da fé; porque o Sr. Infante é o modelo dos principes bons e religiosos. Diga o que tem para dizer, homem; e Nossa Senhora do Rozario lhe dará o pago do bem que fizer.

— Saiba V. P. — acudiu o moço capitão — que a vida de um dos mais fieis e mais nobres servidores de Sua Alteza está em grande perigo.

— E quem é? Que risco corre a vida desse fidalgo.

— É o Sr. Conde da Ericeira, D. Luiz.

— Querem-no assassinar.

— Os assassinos das patrulhas d'El-Rei tem ordem para o matarem onde quer que o encontrem.

— Foi o valido quem lhes deu essa ordem, não é assim? — perguntou o jesuita, cuja phisionomia, perdendo a indiferença habitual, se illuminou subitamente de um clarão sinistro.

— Não, não foi o valido: foi El-Rei.

— Que diz homem! Veja lá o que diz! Olhe que falla d'El-Rei, e mentir...

— Eu não minto, padre. Nunca menti... agora não minto.

— Então quem lh'o disse, como soube isso?

— É um segredo, que não posso dizer agora a V. P.

— É algum dos da patrulha d'El-Rei, e por isso...

— Não sou vilão; não sou desses vilões, que matam por dinheiro!

O tom em que Francisco d'Albuquerquer fez esta exclamação, era tão cheio e vibrante, havia nelle tanto orgulho e verdade, que o padre Fernandez levantou os olhos, e observou alguns instantes com grande attenção o seu interlocutor. Esta rapida observação bastou. Um quasi imperceptivel sorriso encrespando os cantos da boca do jesuita, e um leve aceno de cabeça deram a conhecer, que elle acabava de descobrir um segredo importante. JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

(Continuado de pag. 490.)

448 Fosse porém como fosse. Se o Duque de veras se embriagava com a idéa de cingir a coroa de Affonso Henriquez, ou pelo menos de gosar uma parte da sua herança, essa embriaguez pouco lhe durou.

As suas forças eram em demasia mesquinhas para tentar a conquista do paiz, principalmente quando o almejado movimento de Victor não vinha auxilial-a. Demais; o exercito portuguez estava-se organisando sob a inspecção de um habil general inglez já nomeado marechal e commandante delle: por tanto as tropas, e o reino todo iam prestes erguer-se para esmagar os francezes.

Tocando em a nomeação de Sir William Carr Beresford, é rasão que ácerca della digamos aqui duas palavras.

Ainda que este official nos ultimos annos que servira em Portugal se tornasse um dos nossos tyrannos, com tudo a imparcialidade historica e a justiça exigem que aqui lhe paguemos um tributo de gratidão, confessando que ao seu zelo, á sua actividade e intelligencia, bem como ao seu caracter inteiro e rigoroso, mas rigoroso quasi nunca além dos justos limites, deveu o nosso exercito bom quinhão dos louros que, posteriormente á nomeação delle, lhe enramaram a fronte. Esta confissão é dolorosa para um coração verdadeiramente portuguez, que folgaria vêr todos esses louros antes colhidos por mãos compatriotas. Mas embora: ella é justa, é merecida, e por consequencia o paiz deve ressignar-se a fazel-a alto e bom som. Cumpre ao governo tomar as necessarias precauções para que no futuro não nos tornemos a vêr na dura collisão de andar por esse mundo mendigando generaes que nos defendam, envergonhando as cinzas daquelles dos nossos maiores que nos ganharam tantas batalhas e tantas terras. Desgraçada a nação que não sabe defender o patrimonio que seus avós lhe deixaram!.. O povo que se habitua a defender a sua independencia por mãos estranhas, logo a perde.

Á nomeação de Beresford só pois cabe a censura de tardia. A patria já tinha corrido bastantes riscos, já tinha soffrido muitas humilhações e com tudo o horisonte estava cada vez mais carregado. Era por tanto indespensavel sahir desta situação pondo termo a desgraças tão repetidas.

Ora, o unico meio de conseguir isso era o de que logo no começo deste seculo se devêra lançar mão: era um exercito bem desciplinado e commandado. Até 1809 o valor e patriotismo dos portuguezes debatiam-se á bruta em esforços improficuos.

Agora quanto ao excessivo dos poderes confiados a este general, esse condemnamol-o por desnecessario, e menos consentaneo com a dignidade nacional. Em nenhuma collecção vemos a integra da carta regia de 7 de Março, mas é sabido que da quasi illimitada auctoridade de Beresford não poucas vezes dependia a vida e a honra de muitos cidadãos. Delegou-se-lhe, não sabemos com que auctoridade, o poder de confirmar ou desapprovar as sentenças dos conselhos de guerra sem a menor excepção (85), bem como o de *suspender quaesquer magistrados territoriaes que lhe parecessem negligentes em cumprir as requezições para o exercito e defesa do reino, e emprazal-os remettendo-lhes as culpas á secretaria da guerra.* (86) Mas o que sobre tudo devia escandalisar era que a entrada do marechal occasionasse essa alluvião britannica que inundava todos os nossos corpos.

Em todas as graduações desde o tenente general até o alferes, se encontravam bastantes inglezes: nem elles minguavam nos commissariados, e n'outras repartições militares. Isto porém era pessimo por muitos motivos. Sustentavam-se escusadamente os estrangeiros com o nosso dinheiro, e este era o menor mal visto que elles tambem morriam; diminuia-se-nos a gloria resultante dos triumphos alcançados contra os inimigos da patria, triumphos que sem urgentissimos motivos não devem ser confiados a estranhos; tornava-se o nosso exercito mais inglez do que portuguez; e dava-se triste idéa da nossa capacidade. Eis ahi uma prova.

Quando em 1814 o exercito combinado penetrou no Sul da França, a gloria, a fama, e as honras eram quasi exclusivamente para os inglezes, e senão ouçam o que a este respeito escrevia um Diario de Bordeaux no dia 21 de Abril do mesmo anno: — « Immensas pessoas tem ob-
« servado com rasão que nas nossas representa-
« ções theatraes, em as nossas festas, e mesmo
« nos nossos artigos de papeis periodicos, se tem
« *demasiadamente deixado de fazer menção dos*
« *portuguezes*, aos quaes certamente é mui de-
« vido um tributo de reconhecimento *pela con-*
« *ducta que elles tem sempre practicado entre*
« *nós. Confundidos com os inglezes tanto nos nos-*
« *sos louvores, como na nossa amisade, nenhum*
« *delles* tem reclamado contra um silencio tão
« injusto: é porém do nosso dever reparar essa
« omissão. . . (87) »

Mais de 40,000 portuguezes fizeram a campanha Peninsular de 1813 a 1814, aonde pelo menos egualaram a gente britannica, e comtudo esses portuguezes mais pareciam suissos ao serviço inglez, do que exercito diverso e pertencente a um povo que pugnava pela sua independencia.

Com isto não queremos chamar inconveniente á admissão de um pequeno numero de subditos inglezes que em sua grande tarefa coadjuvassem o illustre marechal.

Como este devia na guerra frequentemente achar-se em contacto com Wellesley, pareceu indispensavel dar ao ultimo mui solemne supremacia sobre o primeiro, quando bastaria ordenar simplesmente que se combinados entrassem em campanha Beresford obedecesse a Wellesley. Em consequencia este, que em 22 de abril deste anno de 1809 reassumira o commando do exercito inglez em Portugal, foi por carta regia de 29, *assignada unicamente* pelo bispo do Porto e por D. Francisco Xavier de Noronha, e publicada na Ord. do dia de 4 de Maio, nomeado marechal general do exercito portuguez, encarregado de dirigir-lhe as operações quando unido ao britannico.

E o mais é que esta authorisação lhe foi quasi ao mesmo tempo conferida em Lisboa e no Rio. A carta regia passada na côrte do Brasil em 6 de Julho, carta que não chamaremos confirmatoria da de 29 de Abril visto não dar o menor indicio do seu contheudo, não só lhe concedia essa mesma preeminencia, senão que em menoscabo de todas as conveniencias lhe facultava exorbitantes poderes. Eis as suas proprias expressões.

« . . . . . Sou servido ordenar-vos, que re-
« conheçais por marechal general dos meus exer-
« citos a Sir Arthur Wellesley, em quanto elle
« se conservar no commando das forças alliadas
« portuguezas e inglezas, tomando assim o passo

(85) Ord do dia de 13 de Abril de 1809.

(86) Aviso de 27 de Janeiro de 1810 no Ind. Chron. Tom. V pag. 312.

(87) Sãa os formaes termos de um artigo traduzido que se lê na *Gazeta de Lisboa* n.° 118 de 20 de Maio de 1814.

« sobre o marechal Beresford. . . . . e logo que « assim for reconhecido, *o chamareis a todas as « sessões do governo, em que se tratar da orga- « nisação militar*, ou objectos concernentes ao « mesmo fim, *de materias de fazenda*, e das « grandes resoluções que fôr necessario tomar « sobre a defeza do reino e da Peninsula, ou- « vindo em todos esses pontos o seu parecer: E « nas occasiões em que elle se achar ausente..... « o ouvireis do modo possivel por escripto, par- « ticipando-lhe tudo. . . . . Deste modo proce- « derá tudo com a maior energia. . . . . e Sua « Magestade Britannica ficará convencido de que « eu desejo destruir radicalmente o vicio das « *coalisações*, que é o do ciume entre as poten- « cias, que fazem causa commum.

Nas providencias do principe regente frequentemente reinava tanta inopia de conhecimentos ainda de lingoagem, tanta superficialidade, e uma tão indecorosa abnegação dos seus direitos e dos da nação, que ninguem deve admirar o vel-o aqui, para destruir o tal vicio das *coalisações*, outorgar a Wellesley poderes, que um governo que pésa os seus actos nunca concede a estrangeiros, e muito menos ao general em chefe do exercito de uma potencia tão poderosa como ambiciosa. Parece com tudo que essa abnegação não ficou ahi. A ser verdade o que diz o precitado Ensaio Polit. Hist. do Sr. José Liberato, Sir Charles Steward tambem foi associado á regencia de Lisboa, e nós não duvidâmos que o seja. A gente que aconselhava e governava o principe de tudo era capaz, e já por vezes o tinha mostrado. Infelizmente não foi essa a ultima occasião em que o reino com dor presenciou tão desastrada complacencia. Pela carta regia de 29 de Julho de 1820, D. João VI transformava Beresford n'um verdadeiro proconsul inglez em Portugal, porém este já assás envergonhado e farto de opprobrios, desta feita recusou o mimo que da America lhe enviavam.

Já dissemos que Soult não se vendo apoiado pelo duque de Belluno, a quem os hispanhoes, ou, como quer uma biographia, a inacção deste marechal, bem como o movimento mal calculado do general Lapisse sobre Merida, não permittiam proteger a invasão do norte de Portugal, não ousava afastar-se do Doiro. Acrescia que as suas communicaçõos com a Hispanha tornavam-se difficilimas, e que as tropas luzo-britannicas estavam por instantes a tomar a offensiva.

A Biog. Un. diz no artigo Wellington, que decidido este general a combater o duque da Dalmacia, a 2 de Maio já se achava em Coimbra com 24,000 homens, incluindo 9,000 portuguezes, e 3,000 allemães; isto sem que Soult soubesse de similhante movimento, que com tudo, a ser verdadeira a fama, era conhecido de *muitos officiaes conspiradores do seu exercito*, os quaes a Wellesley denunciavam os passos do marechal. Mas, reflectimos nós, se este em 2 de Maio ainda ignorava o movimento do exercito contrario, como é que nesse mesmo dia começou a retirada?

Da Ord. do dia 4 de Maio de 1809 vê-se que acompanhavam a Wellesley varios corpos portuguezes, como o 10 de infanteria, o 16, e os batalhões de granadeiros de 6 e 18. O corpo academico de Coimbra, agora melhor organisado, tambem o seguia (88).

Marchando para o Porto a gente de Wellesley encontrou perto de Grijó uma divisão franceza que pouco antes chegára até o Vouga com o designio de occultar e proteger a retirada começada. A 11 esta divisão, flanqueada na esquerda pelos inglezes, atacada na direita por um batalhão portuguez do 16, que sob o commando do coronel Machado, nesse dia ganhou louvores mui subidos de Wellesley e de Beresford (89), e no centro por outros corpos, sem fazer longa rezistencia atravessou o Douro, cuja ponte destruiu.

Para a passagem deste rio fez o general inglez reunir muitas barcas em Avintes, e nellas lançou um destacamento que ao saltar na margem opposta encontrou serios embaraços e muito perigo; porém outra força que mais acima atravessára ás ordens do tenente general Serbroke (90), desemberaçou aquella. A retirada foi completa no dia 12, tomando o inimigo a mesma estrada por onde entrára.

Em quanto isto se passava na beira-mar, Beresford, que em 6 de de Maio sahíra de Coim-

(88) Este corpo já em Junho se armára contra Junot, e agora novamente voava em soccorro da patria sob o commando do seu vice-reitor, segundo se deprehende da carta regia de 2 de Janeiro de 1809 apontada no Ind. Chr. tom. 5.° pag. 290. Os academicos entraram no Porto com os inglezes, e ouvimos dizer que da interessantissima e mui celebre posição da Serra do Pilar muito ajudaram a libertar a cidade.

(89) Ord. do dia de 27 de Maio de 1809.

(90) Coot na continuação da Hist. de Ingl. por Goldsmith.

bra, destacou-se sobre o alto Douro com o grosso do exercito portuguez organisado da seguinte maneira. O marechal de campo Manoel Pinto Bacellar conduzia a brigada composta de alguns batalhões do 9 e 11 de infanteria. O brigadeiro Mosinho commandava as milicias de Miranda, Villa Real e Chaves. A brigada formada por dois batalhões do 12, e por dois do 24 tocou ao brigadeiro Silveira. Ao marechal de campo José Lopes de Sousa obedeciam dois batalhões do 2 de infanteria, e outros dois do 14, todos unidos em brigada. Ás ordens do major general Tilson ía a reserva. Os caçadores 3, 4 e 6 com duas companhias do 60 inglez, constituindo a brigada ligeira, mandava-os Sir Roberto Wilson, o mesmo que precedentemente organisára a leal legião luzitana. A cavallaria formava uma divisão ás ordens do conde de S. Paio, excepto dois esquadrões do 6 e 12 que se aggregaram ao coronel Talbot, commandante da cavallaria ingleza. Seguiam-se a respectiva artilharia, e as milicias de Bragança e Moncorvo, ao que parece não ligadas a nenhuma brigada (91).

O fim de Beresford era involver o inimigo, lançando-o se podesse para a Foz do Minho, cujo trajecto, indo asperamente accossado, lhe não seria facil; ou alde-menos inquietar-lhe o mais possivel o flanco direito. A 7 estava o marechal em Vizeu, de 8 a 12 demorou-se em Lamego, de 13 a 15 em Amarante, já despejada pelos francezes que ahi mui rijamente se pegaram com Francisco da Silveira Pinto. Foi provavelmente nesta descida de Lamego para Amarante que Beresford e Wilson desalojaram Loison do Pezo da Regoa, de donde tambem no anno precedente tivéra de retirar ante uma chusma immensa de povo armado, como n'outro logar fica dito. A 16 entrou Beresford em Chaves e ahi permaneceu até 18; de 19 a 20 esteve no Ginço. D'aqui, abandonando o inimigo que a bom andar se encaminhava para Lugo, regressou a Coimbra, aonde pernoitou a 25 (92).

Durante a sua marcha até a raia foi Soult tão vigorosamente apertado, que além dos mortos, feridos e presioneiros abandonou todos os seus doentes, e toda á sua bagagem e artilheria. Com muito custo transpoz os desfiladeiros de Salamonde, chegou a Mont'alegre a 17, passou a fronteira a 18, e a 25 entrava em Orense.

Não obstante os infortunios desta retirada, os escriptores francezes sustentam que o duque da Dalmacia, salvando quanto pôde correr, ainda ganhára muita gloria. Eis como a citada Encyclopedia se explica.

« Os ingleze se portuguezes tinham-se reunido, « e a insurreição de Traz-os-Montes ía rebentar. Então Soult toma a energica resolução de « queimar as bagagens, retira-se atravez das « montanhas sempre perseguido, porém nunca « roto, e em 12 dias atravessou *sem perda oitenta leguas* de um paiz sublevado. Esta admiravel retirada na presença de tres exercitos, « faz honra á energia e sangue frio do marechal. »

E na Biog. Un. lemos. — « Ameaçado de ser « em breve atacado por forças consideraveis, e « por toda a população, cuja exasperação contra os francezes subia ao cumulo, o duque da « Dalmacia começou em 2 de Maio o seu movimento retrogrado, evacuou o Porto a 12, « e a 18 entrou na Galiza depois de seis dias de « uma atrevida e perigosa marcha. »

Mas deixemos os biographos francezes contar a seu sabor as maravilhas desta retirada de *oitenta* leguas em seis dias no meio de tres exercitos e de um povo sublevado, e apesar disso sem perda: (93) deixemos o Soult na sua marcha para Lugo, e contra o nosso proposito façamos uma digressão até encontrarmos os 500 homens do 1.° batalhão da Leal Legião Luzitana, que n'outro ponto briosamente luctavam com o proprio marechal Victor, o qual se achava á frente de uma columna talvez mais de doze ou quinze

(91) Ord. do dia de 11 de Maio de 1809.

(92) Todas as Ord. do dia de 5 a 25 de Maio de 1809. Na de 20, escripta na Villa do Ginço (Galiza) declarou Beresford que não resultando já nenhuma utilidade de continuar a perseguir o inimigo, as suas tropas iam regressar a Portugal. Ahi mesmo louva o comportamento dos generaes Bacellar e Wilson assim como o das tropas deste, porém reprehende com a maior aspereza outras tropas, e mui especialmente a brigada do Algarve ás ordens do general José Lopes de Sousa. O crime desta gente era nada querer fazer durante a chuva, supposto combatesse bem em quanto fazia sol. O marechal condemnou-a a marchar duas legoas (quatro de ida e volta) em todos os dias que chovesse, levando os capotes enrolados etc. Na Ord. do dia de 21, feita em Chaves, declarou Beresford que Sua Alteza Real promovia ao posto de marechal de campo o brigadeiro Francisco da Silveira Pinto *em contemplação do zelo e patriotismo com que se havia distinguido*. Esta nomeação seria obra só do marechal? A data parece dizer que sim.

(93) Do Porto á fronteira por Chaves, ou suas immediações, quando muito são 24 a 25 legoas portuguezas de 19 ao gráu por caminhos na realidade assás inhospitos.

vezes superior. Então se verá que se até aqui quasi sempre as nossas tropas facilmente cediam o campo aos francezes, resultava isso sómente da indisciplina, e da carencia de officiaes que soubessem conduzil-as.

O duque de Belluno, que ainda occupava a Extremadura hespanhola, a 13 de maio ameaçava a cidade de Alcantara sobre o Tejo, de donde o coronel Mayne o observava com aquelle batalhão, com as milicias de Idanha-a-Nova, e 20 cavallos do regimento d'Almeida, resto dos 50 que acompanharam esta força, e as fadigas haviam consumido. A julgar pela parte official do coronel, publicada na ordem do dia de 27 de maio, elle sabendo da aproximação do inimigo, foi acampar-se fóra da povoação na margem direita, fazendo previamente na ponte as obras necessarias para lhe vedar a passagem. Na cidade deixou aquelles 20 cavallos com 50 infantes ás ordens do major Grant, a quem incumbira vigiar os francezes. Estes em fim appareceram ás 8 horas do dia 14 de maio pela estrada de Brocas com uma força respeitavel sob as immediatas ordens daquelle general. (94) Então o major transpoz a ponte protegido pela artilheria do seu corpo, e recolheu-se á posição que sob as alturas escolhêra o coronel Mayne.

Desde as 9 até o meio dia, ambas as margens vomitaram bastante fogo d'artilheria. Os milicianos, vindo morrer alguns dos seus, fugiram todos: o batalhão ficou firme. Ás 3 da tarde já o coronel havia perdido boa porção dos seus, e queimado quasi todas as munições, pelo que se não podia a resistencia prolongar mais. Então ordenou que o major Grant continuasse a defender a ponte com uma peça, e um pequeno destacamento, em quanto a totalidade do batalhão para se pôr em salvo atravessava a planicie, e o Elga, (95) que aqui por um bom espaço orla e separa as duas fronteiras. Grant cumpriu pontualmente as ordens. Sustentou-se ainda uma hora, e no extremo aperto abandonou a peça, fez debandar a sua gente, passou aquelle rio apesar de perseguido pela cavalleria inimiga, e reuniu-se ao batalhão no campo ao pé de Ladoeiro, aonde os que haviam ficado com elle não tardaram a chegar.

Este brioso feito custou ao batalhão os capitães Valente e Manuel Jeronimo, os tenentes Celestino e Felix de Mendonça, o alferes Frederico e cem cabos e soldados, todos mortos. Ficaram feridos o major Grant, o cirurgião Melingere, o tenente Beltrand com 45 cabos e soldados. Extraviaram-se 70 praças. Os milicianos tiverem mortos dois capitães, um tenente, e 40 soldados, sendo 18 os feridos.

Aqui findaremos o nosso trabalho, declarando mui explicitamente, que estamos bem longe de o considerar, como a historia completa da invasão do Soult, ou como isento de erros; nem é possivel que estes deixem de existir attenta a incerteza com que por vezes escrevemos. O que podemos assegurar é que os materiaes, á nossa disposição, não davam para mais. Tambem a nossa tenção foi menos historiar, do que desafiar aquelles dos nossos compatriotas que testemunharam estes acontecimentos, ou os poderam estudar melhor do que nós, para que façam obra mais perfeita, ampliando e corrigindo este escripto, o que desde já lhes agradecemos.

JOÃO ANTONIO DE CARVALHO E OLIVEIRA

(Continúa.)

(94) A parte official diz: — Tendo-se affirmado que a força inimiga era de dez mil infantes, 1,500 cavallos com pouca differença, e 12 peças de 8 e 12... — É necessario dar o devido desconto a estes rumores que a mentirosa deusa de cem boccas espalhou sem os apurar. todavia, se Victor commandava em pessoa, é de crer que esta força não fosse mui diminuta.

(95) Elga, Elja, Elgas ou Eljas: de todos estes modos se acha escripto.

NOTICIAS E COMMERCIO.

PROJECTO DE FESTAS INDUSTRIAES.

449 Os periodicos de Paris fazem larga menção e alguns transcrevem o programma de um projecto de festas de proporções colossaes, traçadas pela imaginação fecunda de Mr. Hector Horeau, um dos architectos laureados no concurso aberto pelos inglezes para o edificio da Exposição universal em Londres, auxiliado nas suas concepções e no desenvolvimento das mesmas por MM. Ch. Place e Ruggieri. A festa que deveria durar oito dias, segundo o pensamento dos seus auctores seria destinada a corresponder á iniciativa que a nação ingleza tomou na actual Exposição. Parece que não fôra mal acolhida a idéa pelo presidente Bonaparte e seu governo. Realisando-se, seria uma funcção estupenda e unica no seu genero, pela magnificencia e profusão das decorações das praças e outros logares publicos, e pelo fausto correspondente e variedade dos prestitos destinados a percorrel-os Bastará por ora indicar as solemnidades apontadas para cada um dos oito dias. No 1.º marcha triumphal da industria cosmopolita: no 2.º Exposição da agricultura e de horticultura: no 3.º festa no Pantheon em honra dos homens illustres de todos os paizes: no 4.º festa municipal de concertos e bailes publicos e bodo aos

pobres: no 5.° festa historica; representação nos Campos Elysios de um baile heroico, mixto de canto, dança e recitativo; no 6.° passeios e visitas dos palacios de Sant-Cloud e Versailles: no 7.° festa da hospitalidade, tambem nos Campos Elysios: no 8.° festas e regozijos publicos em todos os pontos da capital.

CAMINHOS DE FERRO INGLEZES.

450 O numero de passageiros transportados pelos caminhos de ferro do reino unido da Grã-Bretanha, durante o semestre findo em 31 de Dezembro ultimo, foi de 41.087:919. A extensão das linhas de caminhos de ferro abertas ao transito era em 30 de Junho do passado 6:308 milhas; e no sobredito dia 31 de Dezembro era de 6:621, isto é, teve de augmento 313 milhas. Em resultado de diversos accidentes, pela maior parte procedidos de culpa ou descuido dos individuos, houve nesses caminhos no decurso do citado semestre 123 pessoas mortas e 188 maltratadas.

NOVA EXPLORAÇÃO DE GUANO.

451 O commissario civil das ilhas Seychelles participou para Londres, que nesse archipelago havia abundancia quasi inexhaurivel de guano. As ilhas são trinta, formando um grupo que demora ao nordeste de Madagascar no Oceano Indico, entre 3° e 5° de latitude sul e 53° — 56° de longitude oriental, e foram formalmente cedidas á Inglaterra, juntamente com a Mauricia, em 1815. Não communica particularidades quanto á qualidade e precisa localidade do guano que se descobriu, mas se este adubo ou estrume natural se approximar ao do Perú nas suas propriedades chimicas, o descobrimento será de summa importancia.

ESCHÓLA PARA CEGOS INDIGENTES.

452 Em Maio ultimo houve em London-Tavern uma reunião geral dos subscriptores deste instituto de charidade, que foi fundado em 1799, e organisado em corporação em 1826, destinando-se a ensinar aos cegos um officio, e a illustrar-lhes o entendimento com os principios religiosos. O objecto da reunião foi escolher certo numero de alumnos d'entre 47 candidatos. Na sala estavam patentes varias amostras excellentes de cestas, alcofas e outros trabalhos feitos pelos alumnos. A sociedade escolheu e adoptou sete rapazes e oito raparigas.

BANQUETE LITTERARIO.

453 Na tarde de 15 de Maio Mr. Soyer inaugurou o seu Symposium (*) em Gore-house com um banquete esplendido, dado aos representantes da imprensa de todas as nações, que então estavam em Londres. Celebrou-se a funcção na sala denominada Baronial-Hall, preparada para esse effeito com a delicadeza de gosto que distingue todas as concepções de Mr. Soyer. Ocioso é fallar na profusão das iguarias; mencionaremos o seguinte para dar idéa da abundancia: uma colossal peça de carne (quasi um boi inteiro, pezando 610 libras) cosinhada ao lume de gaz ao ar livre, foi uma das maravilhas do banquete. Assistiram 200 convidados.

(*) *Symposiacas*, conversações á meza, é o titulo de uma das obras de Plutarcho.

ANTIGUIDADE CARTHAGINEZA.

454 O consul francez no Cairo presenteou a collecção nacional do Louvre com uma cabeça colossal de marmore, achada a bastante profundidade dentro da actual cidadella de Tunes: representa Astarte, deusa adorada pelos syrios e phenicios, e que corresponde a Luna ou a Juno da mythologia romana; era considerada a protectora de Carthago onde tinha um templo. As dimensões da figura são nove palmos pouco mais ou menos. Será conduzida a França em um navio do estado, e no entanto conserva-se no jardim da egreja de S. Luiz em Tunes.

BIBLIOGRAPHIA.

455 Sahiu da imprensa uma nova grammatica franceza composta por J. A. Dias, professor desta lingua, que recommendamos pela facilidade que em pequeno volume offerece para se estudarem em curto tempo todos os elementos necessarios para bem se comprehenderem as difficuldades da lingua franceza, hoje tão util em todos os povos do mundo.

O auctor apresenta uma novidade importante e mui curiosa nas variadas maneiras de conjugar os verbos, sem o verdadeiro conhecimento do que se torna quasi impossivel o manejar bem uma lingua qualquer, ou seja fallando, escrevendo ou traduzindo, conjugando-os de tantas fórmas quantas se pódem empregar na conversação.

Donde se segue por consequencia que o resto da obra corresponde tambem ao desejo daquelles individuos que ambicionam desempenhar o seu estudo com prospera utilidade, ou o seu ensino com vantajosos resultados.

O auctor escreveu a sua obra em duas edições, uma toda em francez, e outra em portuguez e francez para os que preferem este methodo. As pessoas que sabem ler e traduzir e não fallam o francez o pódem conseguir com o estudo sómente dos verbos.

Vende-se nas lojas do costume e em casa do seu auctor na Rua Nova do Carvalho n.° 24, 1.° andar.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Publicou-se a 5.ª folha do tomo 3.° e contém:

Historia prophana. — Armenia, Assyria, Bretanha, Caledonia, China, Egypto, Ethiopia, Hibernia, Libya, Pegu, Ponto e Sião.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8; e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.